

GÊNERO E O ENSINO DE SOCIOLOGIA: O USO DO CORDEL COMO RECURSO PEDAGÓGICO DE APRENDIZAGEM

Ednilton Silva Estendio ¹
Fabiana Farias de Macedo ²
Larissa Alves de Carvalho ³
José Marciano Monteiro ⁴

RESUMO

Este trabalho investiga o uso do cordel como recurso didático no ensino de Sociologia, com ênfase nas questões de gênero no ensino médio. A proposta busca aproximar os conteúdos sociológicos das realidades dos estudantes, promovendo uma aprendizagem crítica e contextualizada. A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada em escolas públicas do interior de Pernambuco e da Paraíba, por meio de oficinas pedagógicas que envolveram leitura, análise e produção de cordéis, com apoio de professores e de um poeta popular. O referencial teórico baseia-se em Joan Scott (1995), Judith Butler (2003) e Guacira Louro (1997), que discutem gênero, performatividade e diversidade na educação. Os resultados mostram que o uso do cordel estimula o engajamento discente, amplia a compreensão das construções sociais de gênero e fortalece os vínculos entre escola e território. Constata-se também que a articulação entre cultura popular e ensino de Sociologia contribui para práticas pedagógicas antidiscriminatórias e transformadoras.

Palavras-chave: Gênero; Cordel; Recurso didático; Ensino de Sociologia.

INTRODUÇÃO

A escola é, ao mesmo tempo, espaço de potencial transformação social e de reprodução de desigualdades, especialmente de gênero. Embora possibilite o debate crítico, muitas vezes reforça estereótipos, normas heteronormativas e ignora a diversidade de identidades presentes no ambiente escolar. Diante dessa contradição, torna-se urgente adotar práticas pedagógicas que enfrentem a lógica excludente. O componente curricular de Sociologia, quando ensinado de forma crítica e engajada, torna-se essencial para refletir e romper com essas desigualdades.

¹ Mestrando do Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional- UFCG- CDSA, edniltonsilva79@gmail.com;

² Mestranda do Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional- UFCG- CDSA, fabianamacedosociologia@gmail.com;

³ Mestranda do Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional- UFCG- CDSA, larissacisoufrb@hotmail.com;

⁴ Professor orientador: Doutor em Ciências Sociais, Universidade Federal de Campina Grande. Professor do Profsocio. jose.marciano@professor.ufcg.edu.br

Este artigo, ainda inconcluso, analisa o uso do cordel como ferramenta pedagógica no ensino de gênero, destacando sua função como estratégia metodológica e política. A experiência investigada é a Oficina Gênero e Cordel, realizada em escolas públicas do interior da Paraíba e de Pernambuco, articulando teoria sociológica e produção poética. As atividades envolveram análise de filmes, leituras e criações autorais de cordéis, mediadas por professores e pesquisadores.

O texto está estruturado em seções interligadas, iniciando pela Introdução, seguida de uma breve reflexão sobre o conceito de gênero e a escola como espaço de disputas simbólicas e sociais. Em seguida, discute-se a importância da literatura de cordel no contexto nordestino e sua apropriação como estratégia pedagógica no ensino de Sociologia. A seção Caminhos metodológicos descreve as etapas da pesquisa e as intervenções realizadas. Por fim, apresentam-se os resultados e discussões acerca da experiência pedagógica, culminando com as considerações finais, que destaca os principais achados e apontam para a relevância da articulação entre cultura popular, escola e práticas educativas.

UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E ESCOLA COMO ESPAÇO DE DISPUTA

A ideia de gênero é central nas ciências sociais, especialmente na sociologia, antropologia e nos estudos feministas. Embora ainda seja frequentemente confundido com o sexo biológico, o gênero refere-se a uma construção social e cultural que define comportamentos, funções e expectativas atribuídas a pessoas com base em seu sexo de nascimento. Segundo Joan Scott (1995), o gênero vai além da distinção entre homens e mulheres, funcionando como uma ferramenta analítica para entender como essas diferenças foram construídas e como sustentam relações de poder e exclusão.

Scott propõe que o gênero é constitutivo das relações sociais e nos convida a romper com a noção de que há algo “natural” na definição de masculino e feminino. Judith Butler (2003), por sua vez, introduz o conceito de performatividade, defendendo que o gênero é construído por atos repetidos – gestos, falas, modos de vestir – que moldam a identidade de gênero.

Compreender essas ideias é fundamental no contexto escolar, pois ajuda a explicar por que tantos adolescentes se sentem pressionados a seguir padrões rígidos para serem aceitos. Essas pressões podem causar sofrimento, exclusão, violência e até evasão escolar. Ao reconhecer o gênero como performático e mutável, abre-se espaço para acolher a



diversidade e garantir o direito de cada pessoa ser respeitada em sua identidade, sem medo de julgamento.

O debate sobre gênero no ambiente escolar é fruto de lutas e resistências históricas. Abordar essa temática implica reconhecer as complexas relações de poder, identidades sociais e desigualdades estruturais que atravessam a sociedade contemporânea. Apesar dos avanços conquistados pelos movimentos feminista e LGBTQIAPN+, ainda persistem barreiras de exclusão e discriminação, especialmente contra mulheres, pessoas negras e LGBTQIAPN+.

É na escola que essas questões se materializam de forma cotidiana. Guacira Louro (1997) ressalta que a escola não ensina apenas conteúdos formais, mas também modos de ser, agir e se relacionar, reproduzindo normas de gênero que podem silenciar e excluir. No entanto, ao identificar essas dinâmicas, é possível transformá-las. Inspirada por esse olhar crítico e pelo pensamento libertador de Paulo Freire (1996), que defende a educação como prática dialógica e coletiva, a oficina Gênero e Cordel surge como resposta à necessidade de práticas pedagógicas inclusivas.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA DE CORDEL NO NORDESTE

No Nordeste brasileiro, a partir dos contextos históricos, culturais e sociais, desenvolveu-se a literatura de folheto de cordel como um traço marcante da identidade cultural local. Diversos elementos ligados à estrutura social da época favoreceram esse processo: a predominância do modelo patriarcal, o surgimento de movimentos de cunho religioso, a atuação de grupos armados, como os cangaceiros, as frequentes estiagens, que causavam profundos impactos econômicos e sociais, e os conflitos familiares. Esses aspectos criaram um cenário propício ao florescimento de poetas populares, que expressavam o imaginário coletivo e preservavam as memórias do povo por meio da oralidade e da poesia rimada.

Reforçamos que cordel chegou ao Brasil por meio da colonização portuguesa. No entanto, ao se estabelecer no Nordeste, sua estrutura passou por transformações, adaptando-se aos traços culturais, sociais e às vivências do povo nordestino, incorporando elementos da realidade local e, mais amplamente, do cotidiano brasileiro. Irani Medeiros (2016), descreve que percorrendo os caminhos mais distantes, os poetas populares deixam em sua passagem não apenas o prazer da rima elaborada, o desafio quente e satírico, mas a certeza da quebra das fronteiras na difusão de novos conhecimentos, na ampliação de



um universo informativo pouco acessível às populações marginalizadas em sua sede de progresso e cultura.

A literatura de folheto de versos teve início através da oralidade, as cantorias de viola, onde os poetas versavam todas as experiências do lugar, território, região, melhor dizendo, o espaço geográfico, histórico, social e cultural. Somente depois os cordelistas passam a materializar e moldar tudo o que era versado, cantado, recitado e declamado.

Nesse sentido, a literatura de cordel pode ser vista como forma de expressão, instrumento de representatividade de um povo, gênero literário, veículo de comunicação, entre tantas outras possibilidades, além disso, os folhetos também carregam grande valor estético, artístico, histórico e cultural (MARTINS, 2024, p. 35). O cordel é uma representação da criatividade do povo, uma manifestação rica em cultura. Cada invenção do poeta popular, elaborada por meio dos versos bem rimados, metrificadas e estrofes estruturadas, traduz a realidade por meio dos significados de um coletivo e da própria realidade.

“O Nordeste é a região mais rica do Brasil em poesia popular” (IRANI MEDEIROS, 2016, p. 15). Nas regiões específicas: agreste, sertão e cariri. Ao longo da história, os poetas cordelistas se inspiraram, e ainda hoje se inspiram, no clima, na vegetação, na biodiversidade e, melhor dizendo, na diversidade dos aspectos da natureza. Outras influências foram, e continuam sendo, características ligadas a fatores políticos, econômicos e sociais. Considerando esses elementos, nos folhetos, há diversas denúncias sobre o contraste social, preconceitos raciais, intolerância religiosa e desigualdade de gênero, reforçando assim, a ideia do trabalho em utilizar a literatura de cordel como recurso pedagógico.

O USO DO CORDEL COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA.

A literatura ou folheto de cordel, atualmente, vem ganhando destaque na Educação Básica. Logo, considerando os aspectos pedagógicos, o trabalho com o cordel possibilita expandir os horizontes dos alunos em sala de aula, permitindo a formação de escritores e leitores atentos às diversas possibilidades de interpretação do seu contexto social e cultural. Além disso, por fazerem parte do contexto cultural dos estudantes, seu uso e sua construção tornam-se ferramentas eficazes, pois muitos já conhecem essa literatura por ser algo arraigado ao seu cotidiano. Os folhetos tornam-se estratégias essenciais para a prática de ensino, tanto no que se refere à leitura quanto ao exercício da



escrita. Para Barbosa (2017) e (2021), por meio da interdisciplinaridade que o cordel pode proporcionar, o professor pode trabalhar inúmeros conceitos, conteúdos e temas, possibilitando, assim, a construção do conhecimento em qualquer área do conhecimento.

De acordo com Marinho e Pinheiro (2012) o cordel tem conquistado mais espaço e visibilidade, visto que editoras e poetas trabalham intensamente para divulgar folhetos, professores realizam experiências em sala de aula, e investigações vêm sendo desenvolvidas no espaço acadêmico. A inserção do cordel no ambiente escolar começou a se consolidar quando os professores passaram a reconhecer seu valor pedagógico, utilizando-o como ferramenta para aproximar os estudantes da leitura, da cultura popular e da reflexão crítica sobre a realidade.

A construção do cordel em sala de aula, enquanto recurso didático para o ensino de Sociologia, contribui diretamente para complementar e fugir das perspectivas tradicionais das práticas desenvolvidas diariamente pelo professor no ambiente escolar. Segue as estrofes do Poeta Ednilton Estendio (2025) que pode demonstrar essa prática:

O cordel como recurso	O cordel é referência
Por meio da poesia	Em cada história contada
O professor pode usar	Essa arte na escola
Construir com sabedoria	Pode ser utilizada
Conhecimentos diversos	Em prol da aprendizagem
Dentro da sociologia.	Na disciplina ensinada.

Segundo Barbosa (2021), através do cordel o professor pode se desprender do livro didático, e o aluno com o auxílio do cordel pode expressar seus conhecimentos e sentimentos de uma maneira simples, agradável e de grande qualidade. Uma vez que, o uso de versos de cordel, como metodologia de ensino de Sociologia e demais disciplinas, aprimora a capacidade criativa do aluno e o conduz a uma reflexão sobre o seu lugar, melhorando a compreensão dos conteúdos. Podemos enfatizar, não só a utilização dos versos e estrofes, mas, a construção coletiva ou individual dos folhetos, pelo professor e alunos.

Com base nos estudos realizados em Ayala (2011), a cultura popular é feita e desenvolvida por gente e deve-se manifestar interesse por essa gente. Ouvindo o que tem a dizer, prestando atenção em suas explicações, naquilo que acreditam essas pessoas, na maneira de enxergar o mundo. Nesse sentido, por mais fantástico que seja o universo da cultura popular, é importante interpretar suas manifestações na prática, ou seja, participando e vivenciando as experiências cotidianas.



Como recurso didático, o cordel pode contribuir de diversas maneiras no processo de ensino-aprendizagem. Entre suas potencialidades, destaca-se a capacidade de facilitar o entendimento dos conteúdos ao estabelecer conexões entre conceitos teóricos e situações presentes no cotidiano dos estudantes. Por meio do cordel, o docente consegue abordar temas sociais relevantes de maneira clara e contextualizada, estimulando o pensamento crítico e favorecendo a análise reflexiva sobre as realidades sociais, culturais, econômicas e políticas do território em que os alunos estão inseridos. Assim, seu uso nas oficinas pode funcionar como catalisador de narrativas pessoais, percepções de mundo e experiências locais e podem revelar a capacidade dos alunos de refletir sobre sua realidade a partir de um lugar de protagonismo.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho foi a qualitativa, com base na pesquisa-ação, entendida como prática reflexiva voltada à transformação da realidade. Segundo Demo (1995), a pesquisa prática deve articular teoria e intervenção social, evitando o que chama de “ativismo barato”. Assim, esta investigação combina teoria e prática para promover uma educação crítica e transformadora. Inspirado nas ideias de Bogdan e Biklen (2013), o estudo parte da perspectiva dos sujeitos envolvidos, valorizando suas experiências e significados atribuídos às vivências. A escolha pela pesquisa-ação envolve também um compromisso ético com o campo, como destaca Barbier apud Haguette (2010), exigindo objetividade e rigor na análise das práticas sociais.

A oficina Gênero e Cordel surgiu no âmbito da disciplina Teoria das Ciências Sociais, no Mestrado Profissional em Sociologia em Rede Nacional (ProfSocio), a partir da leitura do texto Problemas de Gênero, de Judith Butler. Diante da complexidade do conteúdo, um dos autores transformou os conceitos em versos de cordel, facilitando o entendimento. A experiência motivou a replicação da estratégia em escolas públicas⁰, como forma de abordar o tema de gênero, previsto no currículo do Ensino Médio e como tema transversal no Ensino Fundamental, mas ainda envolto em controvérsias no contexto sociopolítico atual.

A elaboração da oficina enfrentou desafios como a escolha dos textos, a sensibilização das turmas e o enfrentamento da noção de “ideologia de gênero”. Optou-se por um percurso metodológico acessível e eficaz, dividido em três etapas: 1) *Sensibilização com*



filmes: *Girl* (classificação 16 anos) foi exibido para turmas do Ensino Médio; *Alice Júnior* (classificação 14 anos) foi exibido para o Ensino Fundamental. Ambos os filmes abordam a transexualidade e foram escolhidos para problematizar o gênero para além da dicotomia homem/mulher. 2) *Realização da oficina*. Com duração de oito horas, a oficina foi dividida em dois momentos: A primeira parte abordou conceitos de gênero, interseccionalidade e trajetórias históricas, conduzida por Fabiana Macedo e Larissa Carvalho; A segunda parte, dedicada à literatura de cordel, foi conduzida pelo poeta Ednilton Estendio, que apresentou a história do cordel, suas características (métrica, rima e oração) e técnicas de xilogravura. 3) *Produção dos cordéis*: Os alunos foram divididos em grupos para criar estrofes do cordel, com acompanhamento dos autores, que auxiliaram nos aspectos conceituais e poéticos.

As oficinas foram realizadas em três escolas: *EREM Arcoverde (PE)*: Ocorreram nos dias 08 e 09/05/2025 com a turma do 3º ano A do Ensino Médio. Foram exibidos filmes, realizados debates e divididos quatro grupos para criação de cordéis e ilustrações; *Escola do Campo JBBA, Sumé (PB)*: Realizada em 15/05/2025 com estudantes do 9º ano. Como já conheciam o cordel, focou-se na discussão sobre gênero e na produção poética; *Escola Cidadã Integral Técnica Manoel Alves Campos, Congo (PB)*: Ocorreu em 23/05/2025 com duas turmas do 1º ano do Ensino Médio. O filme *Alice Júnior* foi exibido previamente. As atividades seguiram a mesma dinâmica das intervenções anteriores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção apresentaremos os principais resultados obtidos por meio das oficinas pedagógicas realizadas em escolas públicas de Pernambuco e da Paraíba, cuja proposta foi articular o ensino de Sociologia ao uso da literatura de cordel como recurso didático para discutir gênero, identidade e diversidade. Os dados aqui analisados têm como base a observação direta das atividades, os produtos textuais (cordéis) elaborados pelos estudantes e os registros reflexivos dos educadores envolvidos.

Buscando articular cultura local com temas considerados sensíveis como gênero e diversidade sexual, o uso do cordel como ferramenta pedagógica trouxe consigo a potencialização do engajamento discente, sobretudo porque ao se reconhecerem nessa expressão artística cultural os discentes puderam elaborar, com expressões do seu cotidiano, o significado que apreenderam durante a parte teórica da oficina que versou sobre gênero.



Para levar a cabo a tarefa de analisar as produções, utilizaremos algumas dimensões essenciais que nos farão entender e problematizar o que foi experienciado, quais sejam: a ampliação do vocabulário crítico sobre gênero; a redução de resistências ao tema por meio da linguagem do cordel; a valorização das vivências e saberes comunitários; a importância das práticas antidiscriminatórias nos currículos. Ademais, serão também apresentadas algumas especificidades encontradas nos contextos escolares de Pernambuco e da Paraíba.

É necessário salientar que a escolha do cordel não foi meramente estética: trata-se de uma manifestação cultural profundamente enraizada no cotidiano dos participantes, sobretudo por sua presença viva na oralidade, nas feiras, nas rádios locais e nos ambientes familiares. A identificação com essa forma de expressão propiciou uma atmosfera de interesse, pertencimento e legitimidade. Estudantes em contextos tradicionais de aula se mantinham alheios aos conteúdos, mas demonstraram participação ativa nas oficinas, seja na discussão conceitual, seja na criação autoral dos cordéis. Segundo pensamos, o envolvimento foi impulsionado pela abordagem dialógica e contextualizada, sendo o cordel não apenas um fim, mas uma ferramenta potente para significação do conteúdo.

Transformar em poesia um tema de difícil abordagem foi mais do que a imersão no conteúdo curricular. Os estudantes puderam “dar sua cara” ao conteúdo, transformando-o em sentimento e significado. Assim, pudemos perceber um engajamento atencioso e participativo da maioria dos participantes da oficina.

É certo que, como acontece em qualquer contexto escolar e de sala de aula, não foi possível a participação engajada de todos. Na oficina realizada na ECIT Manoel Alves Campos, por exemplo, um dos grupos não produziu nada. Mas isso também tem um sentido. Segundo observamos, houve uma resistência dos discentes em produzir e aceitar a temática. O grupo apresentou, ao longo da oficina, diversos discursos normativos.

Ademais, a resistência encontrada no contexto escolar acima descrito, não é algo raro. Em diversas instituições, o tema gênero enfrenta resistências. Um exemplo disso é que alguns professores ainda se apoiam na desculpa de “não saber tratar o tema” para reproduzir um discurso normativo que se enraíza de forma prejudicial, pois como afirma Louro (2014, p.67), “são, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança”. Demonstrando, então, a necessidade ainda maior de trabalhar as questões de gênero de forma contínua na educação básica.



Outrossim, apesar das resistências descritas acima, a efetiva produção de conhecimento em forma de cordel foi perceptível. Um deles, intitulado “O segredo do vaqueiro”, elaborado pelos discentes da EREMA diz:

Acreditava em ser macho
Demorou a se entender
Mas quem estipulou isso?
Que macho tinha de ser
Definiram o gênero do berço
Nem isso pode escolher.

Nasceu para ser vaqueiro
E entre as saias de Maria
Encontrava o seu conforto
Com plumas e penas se vestia
Cantava, dançava e sonhava
Com o torpor que se envolvia.

É possível, a partir do trecho acima, verificar a dicotomia entre sexo e gênero. Sexo, atributo meramente biológico, mas que ao se entrelaçar com os papéis esperados para o gênero masculino, desconsideram as dimensões psicológicas, sociais e culturais do mesmo. Ao problematizarem a questão de quem estipulou a sua sexualidade, heteronormativa, que podemos notar a partir da palavra “macho” e a não correspondência ao padrão de papel de gênero esperado, os estudantes demonstram domínio do conteúdo,

Para Pinheiro (2011), um desafio para o professor é cultivar uma postura científica investigativa em seus alunos e alunas, isto é, cultivar a inquietação para depois aproximá-lo de um método a fim de que não se perca no emaranhado de questões suscitadas. Portanto, o cordel pode ser uma ferramenta primordial para auxiliar os alunos a serem participativos, curiosos e questionadores, incentivando a investigação.

O processo de produção dos cordéis implicou necessariamente o uso de conceitos sociológicos. Ao transformar a teoria em poesia, os estudantes precisaram compreender, elaborar e traduzir termos como “gênero”, “identidade de gênero”, “interseccionalidade”, “papéis de gênero” e “diversidade sexual”.

A construção coletiva dos textos poéticos impulsionou uma aprendizagem significativa, na medida em que os alunos tiveram de articular a linguagem popular com os termos técnicos, promovendo um duplo movimento: de decodificação da teoria e de recontextualização no campo cultural. Esse vocabulário crítico apareceu em versos que evidenciam apropriação consciente, como no cordel LGBTQIAPN+ Luta Por Igualdade, no qual os autores destacam a pluralidade da sigla e a necessidade do respeito à diversidade no ambiente escolar, como demonstram os versos abaixo:

Nessa sigla de tantas letras
Que é difícil até falar
LAGBTQIAPN+
Precisamos decifrar
Toda essa diversidade
Na escola, em qualquer lugar.

Tudo isso só depende
De como se enxergar
Seja gay, lésbica ou trans
É necessário cuidar
Zelandos as opiniões
E o próximo abraçar.



As estrofes abaixo construídas pelos alunos da ECITMAC, apresenta uma crítica contundente às ações heteronormativas da sociedade, que impõem padrões sociais de comportamentos fixos a serem seguidos, atuando como um mecanismo de controle que invalida outras formas, de existir, amar e sentir:

A sociedade julga
E impõe os seus padrões
Não respeita suas escolhas
Nem tão pouco as emoções
Mas, podemos aprender
E acabar com essas ações.

Hoje levo no coração
O sonho de ter liberdade
E através da minha voz
Vou lutar por igualdade
Para viver a vida
Com muita intensidade.

Ao mesmo tempo convida à reflexão sobre os fatos que tais normas não são naturais, são construções sociais, e, por isso, podem (e devem) ser urgentemente desconstruídas. Apontado de forma crítica, a falta de respeito às identidades, reforçando o direito à liberdade de expressão de gênero, e a ruptura de amarras sociais que restringem os modos legítimos de existir. As estrofes abaixo, foram elaboradas pelos estudantes da JBBA, também enfatizam a violência simbólica e estrutural vivida por pessoas que não se enquadram nos padrões normativos de gênero:

Todo gênero à ser respeitado
Para que não haja dor
Tanta gente maltratada
Homo, trans, seja quem for
Por uma sociedade
Que não respeita a diversidade
E só sabe causar terror.

Gênero é diversidade
Respeito em qualquer lugar
Cada um tem o direito
De se identificar
Da maneira que quiser
Quem é você pra julga

Observou-se ainda que o contato com autoras como Judith Butler, Joan Scott e Guacira Louro – mesmo que mediado pelos educadores – contribuiu para a construção de um repertório conceitual novo. As discussões envolveram a distinção entre sexo e gênero, a performatividade, as normas sociais e os mecanismos de exclusão. Ainda que esses conceitos não tenham sido reproduzidos na íntegra nos cordéis, eles foram reelaborados de modo criativo e adequado à compreensão dos próprios estudantes.

A BNCC e os documentos curriculares dos estados de PE e PB apontam para a necessidade de se trabalhar o respeito às diversidades e a crítica às desigualdades. No entanto, apenas documentos oficiais não são suficientes. São as práticas concretas, como a proposta desta oficina, que materializam os princípios da equidade e do reconhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os impactos pedagógicos da intervenção no ensino de Sociologia são nítidos: ao abordar um tema sensível e, muitas vezes, evitado no ambiente escolar — como a desigualdade de gênero — por meio da construção coletiva de cordéis, foi possível tornar o conteúdo mais acessível, atrativo e significativo para os estudantes. A escolha da literatura de cordel como ferramenta didática mostrou-se eficaz ao despertar o engajamento, estimular a criatividade e favorecer a construção de uma postura crítica frente às desigualdades sociais.

Durante as oficinas, observou-se que a transformação dos conceitos sociológicos em versos permitiu aos alunos ressignificarem as teorias com base em suas vivências. O diálogo sobre gênero e sexualidade promoveu a criação de um espaço educativo democrático, afetivo e decolonial, no qual a diversidade foi reconhecida como potência e não como problema. Essa experiência também incentivou práticas pedagógicas mais horizontais e inclusivas, que valorizam a escuta, a participação e o protagonismo discente.

Os cordéis produzidos expressam o desejo coletivo por transformação social, pela superação das desigualdades de gênero e dos mecanismos de exclusão ainda presentes no cotidiano escolar e social. Revelam, ainda, a busca por relações pautadas no respeito às diferenças e na valorização das múltiplas identidades que compõem nossa sociedade.

A experiência reafirma a importância de práticas pedagógicas que dialoguem com os saberes do território, com a cultura popular e com a diversidade presente nas escolas. Educar é reconhecer que o processo de ensino-aprendizagem está profundamente atravessado por contextos históricos, sociais e culturais — e é nesse enraizamento que reside o potencial transformador da educação.

REFERÊNCIAS

AYALA, Maria Ignez Novais. **Pesquisa em literatura**/ Hélder Pinheiro (org). 2 ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.

BARBOSA, Aline de Oliveira. **A produção do cordel “Os movimentos sociais no campo brasileiro” como recurso didático no ensino de Sociologia para as escolas do campo no Cariri Paraibano.** / Aline de Oliveira Barbosa. - 2021.



BARBOSA, Aline de Oliveira. **Os saberes construídos pelos sujeitos da escola do campo: a experiência da produção do cordel no ensino das ciências humanas e sociais.** / Aline de Oliveira Barbosa. Sumé - PB: [s.n], 2017.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto Alegre: Artmed, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018, p. 586.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais.** São Paulo: Atlas, 1995

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 2014.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **O cordel no cotidiano escolar:** São Paulo. Cortex. 2012.

MARTINS, Laiz Claudia Balbino. **O cordel na sala de aula [manuscrito]: a representação do feminino nas faces do letramento** / Laiz Claudia Balbino Martins. - 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SCOTT, Joan. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”.** In: REIS, José Carlos;

